



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

JULIA TAVEIRA RUDY

TERRITÓRIOS EM RESISTÊNCIA, ECONOMIAS ALTERNATIVAS E O PAPEL
DAS CRECHES EM SANTA LUZIA, DISTRITO FEDERAL.

BRASÍLIA – DF

2020

JULIA TAVEIRA RUDY

TERRITÓRIOS EM RESISTÊNCIA, ECONOMIAS ALTERNATIVAS E O PAPEL
DAS CRECHES EM SANTA LUZIA, DISTRITO FEDERAL.

Monografia apresentada ao Departamento de Graduação em Geografia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Shadia Hussein de Araújo

BRASÍLIA – DF

2020

Ficha catalográfica

TERMO DE APROVAÇÃO

JULIA TAVEIRA RUDY

TERRITÓRIOS EM RESISTÊNCIA, ECONOMIAS ALTERNATIVAS E O PAPEL DAS CRECHES EM SANTA LUZIA, DISTRITO FEDERAL.

Monografia apresentada ao Departamento de Graduação em Geografia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Prof.^a Dr^a Shadia Hussein de Araújo
Orientadora – Departamento de Geografia – UnB

Prof.^a Dr^a Carla Galdani
Departamento de Geografia – UnB

Prof. Dr Timo Bartholl
Departamento de Geografia - UFF

Brasília, 23 de julho de 2020

Dedico este trabalho às mulheres que promovem uma vida possível na comunidade de Santa Luzia.

AGRADECIMENTOS

Passei por todo o desenvolvimento dessa monografia pensando e idealizando esse texto. Porque para mim é nele que encontro um pouco do que significou o trabalho que vem adiante e um pouco mais sobre a pessoa que o escreveu, afinal somos muito mais que alunos adquirindo algum título acadêmico. Nós somos únicas, somos filhas, irmãs, amigas e temos pessoas que amamos e nos amam, que sonham com a gente e nos ajudam para que consigamos chegar até o final. Eu acredito que essa cooperação é a que torna sonhos possíveis.

Hoje, eu olho para toda a minha trajetória, não só como aluna, e consigo ver que eu só cheguei até aqui por ter tido pessoas que sonharam comigo. Por isso, agradeço meus pais e minhas irmãs que me conhecendo tanto continuam me amando, sonhando comigo e me ajudando a torná-los possíveis com muitos esforços. Agradeço aos meus familiares e em especial meu tio que fez a tradução do meu resumo para o inglês, ter um texto meu traduzido por você é uma honra. A minha mãe que, além de todo o suporte que me deu, foi surpreendida algumas vezes com doações para as creches no porta mala do carro. Ao meu pai que batalhou muito para que eu pudesse chegar até aqui.

Agradeço a todas as mulheres crecheiras e monitoras, que permitiram que esse trabalho fosse possível, afinal a pesquisa dependeu do relato de cada uma delas, além de ter sido muito engrandecedor poder ouvir e conhecer cada uma de perto. Agradeço aos professores que contribuíram diretamente para a minha formação e que sempre vou lembrar como exemplos de profissionais a seguir. Em especial a Shadia que me orientou quando eu ainda não sabia como eu poderia seguir na geografia contemplando meus interesses e que nessa mesma conversa trouxe a possibilidade de realizar essa pesquisa tão engrandecedora para mim. Além da paciência que ela teve comigo durante o desenvolvimento tanto do pibic quanto da monografia. E, agradeço também a professora Helen, que também me recebeu no LAGAS (Laboratório de Geografia, Ambiente e Saúde) em um momento que eu queria ter experiências melhores de estágio e me proporcionou muito mais que isso, além de também sempre me orientar e conversar comigo sobre as aflições do caminho. Sou grata por poder dizer que trabalhei no LAGAS, porque nesse tempo tive oportunidades que nunca imaginei que teria, conheci pessoas incríveis, aprendi muito com cada um e espero ter alguns para o resto da vida.

Agradeço também aos meus amigos que facilitaram muito o caminho até aqui. Todos os momentos de risadas, perrengues, terapias coletivas, troca de materiais importantes, conhecimentos úteis e inúteis. O Vini e a Rayssa que entraram comigo e desde então estamos juntos dividindo a labuta que significa sustentar a vida adulta. A Karina, Gabriel Rodrigues, Gabriel Bueno, Nayara, Amarílis e Krishna que além de terem me ensinado muito, tornaram o dia a dia do trabalho muito melhor. Ao Miguel e a Yasmin que foram a campo comigo, para que eu não fosse sozinha fazer as entrevistas. A Sheila que possibilitou que eu conhecesse a pessoa que me deu acesso ao número real das creches além de ter sido companheira de campo também. Ao João, a Karina, o Gabriel Rodrigues e o

Gabriel Alves que me ajudaram com revisões do texto. A Rayanne que esteve comigo em um momento difícil que precisei passar nesse processo da monografia. E, a todos os que estiveram presentes e foram companhias incríveis durante toda a graduação. Vocês são uns amores, obrigada por terem despendido do tempo de vocês só pra me ajudar como podiam.

Por fim, agradeço aquele que é o princípio, o meio e o fim, que apesar de mim se fez presente em todos os momentos e reconheço que sem ele não teria sentido chegar até aqui. Obrigada, pelo amor que se manifesta na minha vida.

“Soy el desarrollo en carne viva
Un discurso político sin saliva.
...Soy un pedazo de tierra que vale la pena.
...Soy América Latina, un pueblo sin piernas,
pero que camina
Tú no puedes comprar el viento
Tú no puedes comprar el sol
Tú no puedes comprar la lluvia
Tú no puedes comprar el calor
Tú no puedes comprar las nubes
Tú no puedes comprar los colores
Tú no puedes comprar mi alegría
Tú no puedes comprar mis dolores”.

RESUMO

O atual Setor de Chácaras Santa Luzia surgiu a partir da ocupação de um território localizado dentro da Região Administrativa - Cidade Estrutural, que tem avançado à área do Parque Nacional de Brasília. Essa ocupação gera constante conflito entre a comunidade e o Estado. Uma das consequências desse conflito é a limitação dos direitos básicos à comunidade que se articula para existir, apesar desse cerceamento vivido pela comunidade. Essa pesquisa contempla uma das iniciativas encontradas que colaboram para a resistência da comunidade de Santa Luzia: as creches idealizadas por mulheres da comunidade - chamadas de crecheiras. Com isso, a presente pesquisa tem o objetivo de verificar qual o papel das creches e das crecheiras na construção de um "território em resistência", utilizando o conceito desenvolvido por Raúl Zibechi e o conceito de economias alternativas, para melhor caracterizar as iniciativas econômicas das creches. Para que esse objetivo seja alcançado a pesquisa foi realizada a partir do método etnográfico contando com: entrevistas -principalmente, com as crecheiras; observação participante na comunidade e nas atividades das creches; e diário de campo. Foi possível concluir que as creches contribuem para o território em resistência da comunidade e as suas iniciativas econômicas descrevem uma lógica que tem como finalidade o acesso da comunidade a recursos e, por isso se articulam com agentes externos e entre eles de forma solidária a fim de viabilizar o acesso aos seus direitos, fazendo com que o conceito de economias alternativas traduza essas iniciativas econômicas encontradas nas relações estabelecidas na comunidade, além do conceito de território em resistência delineado por Zibechi.

Palavras-chave: Territórios em resistência, economia alternativa, contrapoderes, creches, solidariedade, iniciativas econômicas.

ABSTRACT

The area which is now known as "Setor de chácaras Santa Luzia" (Rural area Santa Luzia) was originated by the illegal occupation of a territory located inside the administrative area of "Cidade Estrutural". It has been growing and invading the area of the National Park of Brasília which causes constant conflict between the inhabitants and the government. One of the consequences of such conflict is the privation of basic rights to the community which struggles to survive. This research aims to know about one of the initiatives found at the area to help strengthen the resistance of the community of Santa Luzia: The "nursery schools" which are run by the women of the community called "nurses". This study is focused on verifying the role of the nursery schools and the nurses in constructing a territory in resistance using the concept developed by RAúl Zilbechi and the concept of alternative economy to characterize the economic system of the nursery schools. In order to reach this goal, the present research was done under ethnographic methodology and composed with: interviews (mainly with the nurses). Participating observation of the community and the activity of the nursery schools and journal. It was possible to conclude that the nursery schools help strengthen the territory in resistance of such community and its economic system focus on the access of the community to resources. Such resources are dealt with external agents, many of them in a solidary way, in order to have their rights granted and, thus, making the concept of alternative economy define such economic system found in this community and also the concept of resistance territory presented by Zilbechi.

Keywords: Territories in resistance, alternative economy, counter power, nursery schools, solidarity, economic system.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Capítulo 1 - Territórios em resistência, economias alternativas e seus conceitos.	14
1.1 Revisão dos conceitos de Território	14
1.2 Territórios em Resistência - conceito.	17
1.3 Economias alternativas: premissas importantes para a sua caracterização.	21
1.4 Perguntas norteadoras e objetivos da pesquisa.	23
1.5 Método	23
Capítulo 2 - O papel das creches e das crecheiras na construção dos territórios em resistência.	28
2.1 As iniciativas econômicas presentes nas creches.	28
2.2 A lógica familiar-comunitária nas iniciativas econômicas das creches e como essa lógica influencia as creches.	34
2.3 As iniciativas econômicas das creches e o conceito de territórios em resistência.	40
CONCLUSÃO	46
Referências Bibliográficas	45

INTRODUÇÃO

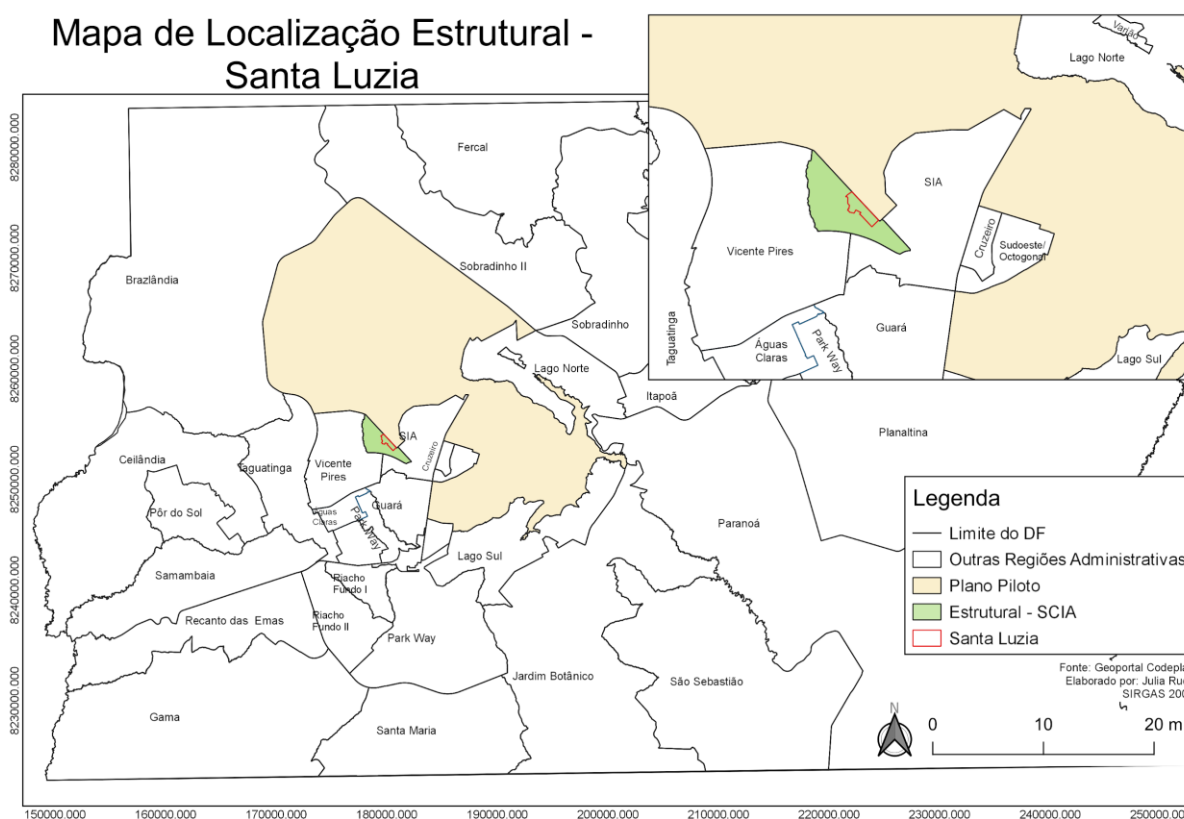
A epígrafe escolhida é a música do trio porto riquenho, Calle 13, cantada com participação de vários outros cantores com o objetivo de falar sobre as potencialidades da América Latina e, por isso possibilita iniciar o que será abordado neste trabalho. Para isso, o trecho escolhido será analisado a começar pela frase que diz que a América Latina é o “desenvolvimento em carne viva” que pode ser interpretado com os avanços e conquistas dos países latino americanos que são obtidas a partir de luta e articulação popular. É o “discurso político sem saliva”, o “povo sem pernas, mas que caminha” se trata daqueles que mesmo sendo invisibilizados ou cerceados continuam lutando e criando seus discursos e caminhos. Com isso, a letra fala sobre riquezas da América Latina que não podem ser compradas e seus valores são subjetivos como o vento, o sol, a chuva, o calor que são fatores e características predominantes aos países localizados no hemisfério Sul e que cooperam para a construção do seu valor e importância para o mundo.

A partir da contribuição que a letra da música traz o que pode ser relacionado ao que será desenvolvido neste trabalho é o esforço que será feito para evidenciar uma iniciativa que leva possibilidades para uma comunidade que sem ela esse corpo social não teria. A comunidade que foi estudada é a Santa Luzia, localizada dentro de uma Região Administrativa (RA) de Brasília chamada Vila Estrutural, a partir do método etnográfico (campo, observação participante e diário de campo) com o objetivo de verificar qual o papel das creches e das crecheiras na construção dos territórios em resistência. Tudo isso sendo verificado a partir dos conceitos de território em resistência e economias alternativas, que serão explicitadas no primeiro capítulo deste trabalho.

A Vila Estrutural está localizada próxima a rodovia DF-095. Sua ocupação começou a partir dos catadores de materiais recicláveis que se instalaram nas proximidades do espaço designado para o descarte do lixo produzido pela população de Brasília, o qual foi estabelecido desde a inauguração da capital federal que depois foi denominado como Aterro Sanitário de Brasília. A Lei nº 3.315 de 2004 determinou a Estrutural como sede urbana da Região Administrativa (RA) Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA). Já a comunidade Santa Luzia

se estabeleceu no território desocupado em razão do remanejamento das chácaras que conformavam o Setor de Chácaras Santa Luzia. Esse remanejamento foi feito devido a proximidade das chácaras com a Área de Preservação Ambiental (APA), mas essa decisão resultou na formação dessa comunidade e nos conflitos que esse contexto gera com o Estado. Com isso, a comunidade se configura e se organiza independente das ações por parte do Estado. O mapa a seguir traz a localização de Santa Luzia e da Estrutural no Distrito Federal.

Portanto, com esse contexto, iniciativas como as creches são encontradas em Santa Luzia. De acordo com relatos essas creches surgiram, em sua maioria, com o mesmo objetivo: as crecheiras, as donas das creches, desejavam parar de trabalhar no aterro da Estrutural, principalmente, algumas delas por problemas de saúde e por saber que a maioria das crianças da comunidade ou ficavam na rua enquanto os pais trabalhavam ou iam com os pais para o trabalho ficando expostas a uma série de fatores prejudiciais, com isso começaram a se oferecer para cuidar dos filhos dos vizinhos e das amigas. Existem algumas creches que começaram motivadas por outros fatores, mas o objetivo de atender crianças para que elas não



fiquem expostas a ambientes inapropriados e insalubres é comum para as doze creches de Santa Luzia, conforme o que foi relatado.

Entendendo que essas creches são uma parte importante para a comunidade, a pesquisa tem o objetivo de verificar qual o papel das creches e das crecheiras na construção do territórios em resistência, utilizando o conceito desenvolvido por Raúl Zibechi. O conceito de territórios em resistência, traz o aporte teórico para o objetivo do trabalho para verificar a importância das creches para a resistência da comunidade Santa Luzia. E, como essas ações revelam as potencialidades de movimentos que partem do corpo social, como, por exemplo, novos sujeitos políticos que contribuem para a resistência da comunidade como as crecheiras, que têm um papel fundamental nesse processo. Os estudos de Zibechi trazem a contextualização necessária, inclusive, para generalizar essa realidade, descrita anteriormente, para as periferias urbanas de cidades Latino-Americanas e como essa organização das comunidades e movimentos sociais se sustentam, assim como o conceito de economias alternativas que permite caracterizar as iniciativas encontradas nas creches para oportunizar recursos. Para isso foi-se utilizado o método etnográfico desenvolvido com os processos que o compõe: entrevistas com as crecheiras, observação participante das atividades das creches e diário de campo com o relato de tudo que foi observado, ouvido e vivido.

A presente pesquisa segue a seguinte estrutura: o primeiro capítulo conta com a revisão teórica do conceito de território e a contextualização dos conceitos apresentados por Haesbaert. Após essa revisão tem-se a exposição do conceito de território em resistência de Zibechi e o de economias alternativas contando com as contribuições teóricas de Gibson-Graham (1996) e Healy (2009), as teorias apresentadas aqui são as que serviram para o refinamento das perguntas norteadoras e dos objetivos específicos delineados na pesquisa, e o método escolhido para a obtenção das respostas para as perguntas da pesquisa. No segundo capítulo, encontra-se a apresentação dos resultados obtidos para cada um dos objetivos específicos traçados. E, a conclusão, que busca resumir os resultados obtidos e apontar possíveis pesquisas a partir da contribuição que foi feita neste trabalho.

Capítulo 1 - Territórios em resistência, economias alternativas e seus conceitos.

O presente capítulo tem como objetivo contextualizar os conceitos de território nos conhecimentos da Geografia e introduzir aqueles que serão utilizados para viabilizar as análises da pesquisa. Logo, os conceitos de território serão revisados de acordo com o que é debatido na ciência geográfica e serão apresentados os conceitos que guiaram a perspectiva das análises da pesquisa a fim de responder às perguntas delineadas. Com isso, os próximos tópicos contemplaram, respectivamente, uma breve recapitulação dos conceitos de território, apresentação do conceito de território em resistência, a apresentação dos debates sobre economias alternativas, as perguntas norteadoras e objetivos da pesquisa e o método que viabilizou o acesso às informações obtidas para análise.

1.1 Revisão dos conceitos de Território

O território é uma categoria de análise polissêmica e a fim de contextualizar a abordagem teórico metodológica deste trabalho o conceito será revisado a partir do que é desenvolvido pelo geógrafo Rogério Haesbaert, no segundo capítulo do seu livro “O mito da desterritorialização” (2004), partindo de um “conjunto de perspectivas teóricas” para discutir a conceituação de território segundo as perspectivas materialista, idealista, integradora e a visão relacional de território em Sack e Raffestin. Apesar dessa contextualização ser importante por fazer parte do debate do conceito de território na Geografia, cabe dizer que essa narrativa sobre a evolução desses conceitos é contada, sobretudo a partir do pensamento intelectual “do Norte”, contextualizado em uma realidade diferente da que está em foco na pesquisa, logo, por se tratar de uma pesquisa que faz o esforço de adotar uma perspectiva decolonial, nas relações e na construção de novos territórios e dos seus conceitos, será apresentado também o início do debate sobre a construção desse conceito no contexto na América Latina, por estar em consonância com o contexto dos conceitos que serão utilizados.

A perspectiva materialista será apresentada a partir das seguintes concepções: a naturalista, base econômica e a de tradição jurídico-política de território. Segundo Di Méo (2004 apud HAESBAERT, 2004, p. 45), a naturalista traz a “concepção mais primitiva de território” visto que território naturalista é definido a

partir do raciocínio animal. Ou seja, a territorialidade passa a ser consequência do que foi determinado anteriormente pelos animais. Assim como é colocado pelo autor, “a territorialidade humana pode ser tratada como uma simples extensão do comportamento animal, num sentido neodarwinista” (HAESBAERT, 2004, p. 50). Na concepção de base econômica, o território é constituído a partir dos recursos que podem beneficiar a atividade econômica. O território, então, será uma consequência do que é criado para viabilizar uma atividade econômica. Na tradição jurídico-política de território tem-se o entendimento do território ligado aos “fenômenos de ordem política” (HAESBAERT, 2004, p. 62). O autor também cita Ratzel que diz que “sem o território não se poderia compreender o incremento e a solidez do Estado (Ratzel, 1900, p.74 apud HAESBAERT, 2004, p. 63)”. Sendo assim, aqui se tem uma concepção de território ligada a outros fatores que o validam, sendo elas os animais, a atividade econômica ou a política.

A perspectiva idealista vê o território a partir de uma concepção utilitarista, levando em consideração o seu valor simbólico. Leva-se mais em consideração o pertencimento que se tem com o território do que as fronteiras, por exemplo. García (1976, p. 14 apud Haesbaert, 2004, p. 69) afirma que “o território é considerado como um signo cujo significado somente é compreensível a partir dos códigos culturais nos quais se inscreve”. Ou seja, o território passa a ter significado a partir dos “códigos culturais” que ele compreende, sem esses códigos ele não se caracteriza como território.

O território a partir da perspectiva integradora traz o entendimento de que este inclui todas as concepções abordadas anteriormente. Neste, compreende-se que “o território como um espaço que não pode ser considerado nem estritamente natural, nem unicamente político, econômico ou cultural” (HAESBAERT, 2004, p.74). Nesta perspectiva, o território também é entendido como algo que “compõe de forma indissociável a reprodução dos grupos sociais” (HAESBAERT, 2004, p.78), logo, o território é o que possibilita os fenômenos sociais onde os grupos sociais acontecem e se tornam possíveis e existentes. Portanto, essa perspectiva considera fatores diferentes e pontua que o território “compõe de forma indissociável a reprodução” dos aspectos considerados.

Há também a visão relacional de território, a partir de Sack e Raffestin, em que o conceito de território é apresentado como o conjunto dos fatores sociais, políticos, econômicos e culturais. Então, o território passa a ser caracterizado a

partir de fatores como “movimento, fluidez, interconexão - em síntese e num sentido mais amplo, temporalidade” (HAESBAERT, 2004, p.82) visto que essa perspectiva define o conceito a partir das relações que são estabelecidas e a partir disso conformam o território.

Tendo em vista essas perspectivas e as diversas vertentes de debate existentes sobre esse conceito e o empenho da pesquisa de visibilizar processos, atividades e relações decoloniais, faz-se necessário trazer também as ideias do conceito concebidas por pensadores contextualizados em outras realidades políticas e econômicas, para que assim seja abordado um pouco do que é o debate desse conceito no mesmo contexto em que a pesquisa e seu aporte teórico foram desenvolvidos.

Para isso, a contextualização do conceito de território a partir do que é concebido pelos pensadores inseridos na conjuntura “do Sul”, entendendo as duas principais abordagens decoloniais, sendo elas: as que estão contextualizadas em um debate identitário voltado para povos indígenas, originários, quilombolas; e os que estão inseridos em um debate voltado para a periferia urbana, e a necessidade de resistência, como Zibechi traz em seu conceito, que será trabalhado no próximo tópico deste capítulo.

A fim de contextualizar os debates sobre o conceito de território pensados a partir dessa perspectiva de construção identitária do conceito, tem-se a contribuição trazida por Baniwa (2006, p. 101), doutor em antropologia, na citação abaixo, que evidencia como o território está diretamente ligado a vida e a possibilidade de viver de acordo com suas crenças.

Território é condição para a vida dos povos indígenas, não somente no sentido de um bem material ou fator de produção, mas como o ambiente em que se desenvolvem todas as formas de vida. Território, portanto, é o conjunto de seres, espíritos, bens, valores, conhecimentos, tradições que garantem a possibilidade e o sentido da vida individual e coletiva (BANIWA, 2006, p.101).

Ainda com relação ao debate do território em uma abordagem identitária o geógrafo Rafael Sanzio traz o conceito de território étnico contextualizado em seus estudos sobre quilombos no Brasil:

“o território étnico seria o espaço construído, materializado a partir das referências de identidade e pertencimento territorial e, geralmente a sua população tem um traço de origem comum. As demandas históricas e os conflitos com o sistema dominante têm imprimido a esse tipo de estrutura espacial exigências de organização e a instituição de uma auto-afirmação política-social-econômica-territorial.” (ANJOS, 2005)

Essa contribuição aponta para o que será trabalhado nos próximos tópicos e capítulos, entendendo o território como uma construção que gera pertencimento para um corpo social que tem uma origem parecida e organização de resistência para estes que vivem o cerceamento por parte do Estado. E, apesar deste conceito estar voltado para a necessidade identitária do povo quilombola, ele é uma introdução ao conceito de território em resistência que este trabalho se apropria para entender periferias urbanas, no caso, a Santa Luzia.

1.2 Territórios em Resistência - conceito.

Em virtude do que foi explicitado anteriormente, o conceito de território em resistência foi elegido para ser utilizado nas análises deste trabalho por trazer a perspectiva da periferia urbana, que surge a partir de ocupações e se configuram no espaço geográfico com muitos conflitos e limitações, mas que são resistência baseando-se sua articulação em relações de solidariedade. Logo, almeja-se o resultado de uma análise que traz as potencialidades da periferia.

Essa abordagem já tem sido feita por geógrafos como Bartholl (2015) que traz em sua tese “Territórios de Resistência e Movimentos Sociais de Base: uma investigação militante em favelas cariocas.” a abordagem da complexidade existente nas favelas, o seu poder de articulação e luta, as suas potencialidades para a superação dos limites que são impostos a comunidade. Hussein e Costa (2017), também se utilizaram desse conceito para analisar uma Região Administrativa de Brasília, analisando os seus estigmas, mas também sua articulação social concluindo que a região pode ser caracterizada como um território em resistência, tendo em vista as suas organizações sociais para viabilizar sua existência.

Por isso, entendendo a Santa Luzia como uma comunidade que se caracteriza como uma periferia que está em constante conflito com o Estado, que tem direitos básicos negados e precisa da sua articulação social para continuar existindo e resistir a esse contexto que estão inseridos, o conceito de “Territórios em Resistência” será adotado, sua hipótese traz a proposta de um mundo novo, após a percepção de como a segurança no urbano é condicionada ao controle das periferias. Zibechi descreve a forma como as pessoas pertencentes a uma economia formal encaram as periferias urbanas. A partir dessa perspectiva as

periferias descrevem casos de violência de maneira frequente e por isso existe um objetivo muito bem definido pelos governos de controle sobre esses territórios, já que existe também um temor por parte das elites.

As periferias urbanas representam uma das fraturas mais importantes de um sistema que tende ao caos. É nelas onde os Estados têm menor presença, onde os conflitos e a violência que acompanham a desintegração da sociedade fazem parte do cotidiano, onde os grupos têm maior presença, a ponto de conseguirem, por vezes, tomar o controle dos bairros pobres. Finalmente, são esses espaços onde as enfermidades crescem de modo exponencial. Empregando os termos de Wallerstein, nos subúrbios confluem algumas das mais importantes fraturas que atravessam o capitalismo: de raça, classe, etnia e gênero. São os territórios da depressão quase absoluta. E também da esperança, como proposto por Mike Davis (ZIBECHI, 2015 p. 23).

Ou seja, o autor critica que a maior parte dos acadêmicos fazem a leitura de que as periferias são sinônimo de violência, insegurança, por causa de todo o contexto apresentado, mas defende que elas têm o potencial de estabelecer relações importantes para que exista a sobrevivência nesse meio, trazendo assim a esperança, se formando como um mundo novo e sugere que elas sejam vistas dessa forma.

Após essa análise e a observação do histórico dos movimentos sociais mais notáveis na América Latina, o que lhe permitiu perceber semelhanças e tendências desses movimentos da região em questão, o autor propõe a hipótese do Território de Resistência:

No último meio século as periferias urbanas das grandes cidades vêm formando um mundo próprio, que percorreu um longo caminho: da apropriação da terra e do espaço à criação de territórios; da criação de novas subjetividades à constituição de sujeitos políticos novos e diferentes em relação à velha classe operária industrial sindicalizada; do desemprego a criação de novos ofícios que dão passagem às economias contestatárias (ZIBECHI, 2015, p. 91).

Com isso, tem-se o conceito, que será a premissa deste trabalho, elaborado por Zibechi sendo o território consequência do movimento das periferias de criação do seu mundo como resposta aos conflitos e limitações que são vividas por esse corpo social, principalmente, na perspectiva política e econômica visto que é caracterizado pela criação e presença de “sujeitos políticos novos” (ZIBECHI, 2015, p. 91) e as “economias contestatárias” (ZIBECHI, 2015, p. 91). Como conclusão o autor traz quatro proposições para debate, são elas: i) a primeira aponta para a tendência de deslocamento dos de baixo, aqueles que não estão inseridos na economia formal e representam a fratura que é descrita acima, para as cidades,

“encurralando as classes dominantes” (ZIBECHI, 2015, p. 91) e mantendo seus hábitos rurais o que indica suas origens e a forma como essas pessoas utilizam os espaços das cidades; ii) essa conclusão discute “a expansão de uma lógica familiar-comunitária centrada no papel da mulher mãe” (ZIBECHI, 2015, p. 91) fazendo com que a comunidade tenha uma relação diferente da que é disseminada, haja vista a violência e a precariedade, mas passa a ser existente a lógica do amor, do afeto, da amizade; iii) a conclusão que aborda a forma como esses espaços e tempos são vividos pela comunidade a partir da presença essencial da mulher, “de valores de uso comunitário, autocentrado, espontâneo no sentido mais profundo do termo; ou seja, natural e autodirigido, que cresce através da expansão” (ZIBECHI, 2015, p. 92) e a iv) que traz questionamentos sobre a possibilidade dos poderes e “contrapoderes dos de baixo”. O poder feminino, o poder não estatal, aqueles que são exercidos pela comunidade.

As creches da comunidade de Santa Luzia serão analisadas a partir da hipótese construída por Zibechi, tendo em vista os seguintes pontos abordados na proposição do autor: o território que as creches conformam apresentando seus novos sujeitos políticos que, no caso, são as crecheiras¹, e também das economias que são geradas para viabilizar essas iniciativas. Com relação a essas economias, o autor identifica em seu ensaio dois mundos e os caracteriza da seguinte forma: o mundo hegemônico e dominante e o mundo que “não pode ser representado no mundo formal, pois ele não é apenas diferente, mas também externo ao mundo estatal-capitalista” (ZIBECHI, 2015, p 89). Portanto, o território em resistência de Zibechi é caracterizado e será verificado na pesquisa a partir dos novos sujeitos políticos e as economias contestatárias conformando um mundo externo ao “estatal-capitalista” sendo ele autocentrado. Porém, essa organização do território autocentrada e até mesmo isolada do “mundo formal”, como Zibechi propõe, se torna insuficiente para determinadas realidades e ações organizadas pelos “de baixo”, principalmente com relação à economia e como essas ações são viabilizadas.

¹Crecheiras: é o termo usado para se referir às mulheres donas das creches. Esse termo foi apreendido em durante as entrevistas com as próprias responsáveis pelas creches

Como será demonstrado no trabalho empírico (capítulo 2), os mundos, ao contrário do que foi proposto por Zibechi, não são desconectados ou são auto-suficientes, principalmente, quando observamos suas iniciativas econômicas, por esse motivo, será adotado também os conceitos desenvolvidos por Gibson-Graham e Healy que discutem sobre como o capitalismo condiciona um pensamento que é construído e mantido de tal forma que inviabiliza o entendimento de outras formas econômicas. Healy indica em seu texto “Economias Alternativas” que a troca (entendida, pelo autor, como uma economia alternativa) “de não mercado permanece escondida apenas porque é configurado discursivamente como algo subordinado” (HEALY, 2009). Sendo assim, adotar essa perspectiva pode trazer o entendimento das economias criadas nos territórios em resistência assumindo que elas podem estar sendo compreendidas apenas como uma economia subordinada ao capitalismo ou até mesmo pode ser identificada como alguma variação da produção capitalista, pelo fato da construção do pensamento do que é o capitalismo ser dominante e hegemônico, assim como colocado pelos autores. O próximo tópico abordará melhor a construção dos conceitos citados acima.

1.3 Economias alternativas: premissas importantes para a sua caracterização.

As autoras Gibson-Graham, no livro “O Fim do Capitalismo (como nós o conhecíamos)”, criticam a concepção do pensamento sobre o capitalismo como a única forma econômica possível. Para tanto, as autoras argumentam que o capitalismo é pensado dessa forma, principalmente, por não permitir que as outras formas econômicas se configurem e sejam entendidas como outras, pois elas sempre estarão sendo uma reprodução do modo de produção capitalista, de alguma forma.

Em contraponto, as autoras afirmam que esse pensamento hegemônico pode ser subvertido frente à articulação social, visto que as outras iniciativas econômicas presentes nas articulações sociais podem contrapor esse pensamento e viabilizar lugares e instrumentos para a luta e a alteração dessa forma econômica capitalista. Assim como é colocado no livro, “recontextualizar o capitalismo num discurso de pluralidade econômica desestabiliza a sua presuntiva hegemonia” (GIBSON-GRAHAM, 1996, p. 36).

A partir disso, o geógrafo Stephen Healy (2009), bem como Ossewaarde, M., Reijers, W. (2004) entre outros estudiosos das economias alternativas, descreve a

economia alternativa como um termo que “aglutina em torno de uma ruptura epistêmica que coloca a economia como um espaço sempre pronto e intrinsecamente heterogêneo” (HEALY, 2009, p. 338). Ou seja, esse é um termo pensado para exercer o que foi proposto por Gibson-Graham, a fim de repensar a economia hegemônica e dominante, trazendo uma lógica de economias plurais que funcionam juntas.

Para isso, o autor discute o problema do termo “economia alternativa”, já que esse conceito pode trazer o entendimento de que uma economia está subalterna ao capitalismo. Mais precisamente, “a existência de uma economia ‘alternativa’ implica que existe uma economia dominante ou *mainstream* contra a qual a alternativa é definida” (HEALY, 2009, p. 338). Apesar desse pensamento convencional, o que se pretende entender são as variadas formas econômicas que não estão sendo apreendidas apesar da forma econômica capitalista.

Com isso, assume-se que a economia alternativa pode ser vista como “uma nova abordagem a partir do engajamento da comunidade” (HEALY, 2009, p. 339), tendo em vista o que foi produzido por Gibson-Graham com relação ao papel da articulação social na subversão do pensamento hegemônico com relação ao capitalismo. Esse engajamento da comunidade proporciona economias como trocas, doações, presentes que compõe o conceito de economia alternativa sendo assim ela pode ser entendida por um conjunto de economias que funcionam juntas. É colocado também que a “economia alternativa pode ser vista como ilhas no mar do capitalismo” (HEALY, 2009, p. 339), ou seja, as economias alternativas acontecem em meio ao capitalismo e precisam ser vistas independente da hierarquia espacial econômica imposta, na medida em que “um espaço hierarquicamente ordenado efetivamente afirma o domínio do capitalismo” (HEALY, 2009, p. 341).

Entendendo, conceitualmente, essa hierarquia espacial pode se inferir que as economias alternativas, em sua maioria, serão encontradas em territórios que se estabelecem independente da “hierarquia espacial econômica imposta” (HEALY, 2009, p. 341) por, muitas vezes, ser necessário sair dessa lógica para viabilizar o consumo. Sendo assim, a partir da perspectiva de organização de um território em resistência trazido por Zibechi é possível também analisar esses territórios e identificar economias alternativas sendo estabelecidas.

Portanto, por se tratarem de uma articulação social que, para ser viabilizada os seus meios de produção e consumo, não seguem o padrão do pensamento sobre o capitalismo e a hierarquia espacial econômica imposta, as iniciativas econômicas geradas nas creches serão identificadas a partir de Healy. Dessa forma, a pesquisa foi delineada a começar pelas conclusões propostas pelo autor Raúl Zibechi e toda a análise que é desenvolvida em seu livro “Territórios em resistência. Cartografia política das periferias latino-americanas” (2015) sobre esses territórios produzidos em mobilizações de luta na história latino-americana, a fim de verificar duas de suas quatro conclusões sugeridas para debate, que fizera, após a análise desse histórico.

1.4 Perguntas norteadoras e objetivos da pesquisa.

A partir desse aporte teórico e perspectiva que ele traz para as análises das creches em Santa Luzia, as perguntas e os objetivos foram delineados. Com isso, as perguntas centrais da pesquisa, são: Quais são as iniciativas econômicas das crecheiras? Em que medida as creches seguem uma lógica familiar-comunitária? Como a construção dos papéis de gênero afetam e tem relação com as creches e as crecheiras? Como apoiam a comunidade em termos econômicos? Em que medida essas abordagens econômicas constituem o território em resistência? Todas essas perguntas foram traçadas para que os seguintes objetivos sejam alcançados: i) identificar e caracterizar as iniciativas econômicas encontradas nas creches; ii) verificar a lógica familiar-comunitária e como ela influencia na produção desse território; e iii) aferir em que medida essas economias constituem o território em resistência.

1.5 Método

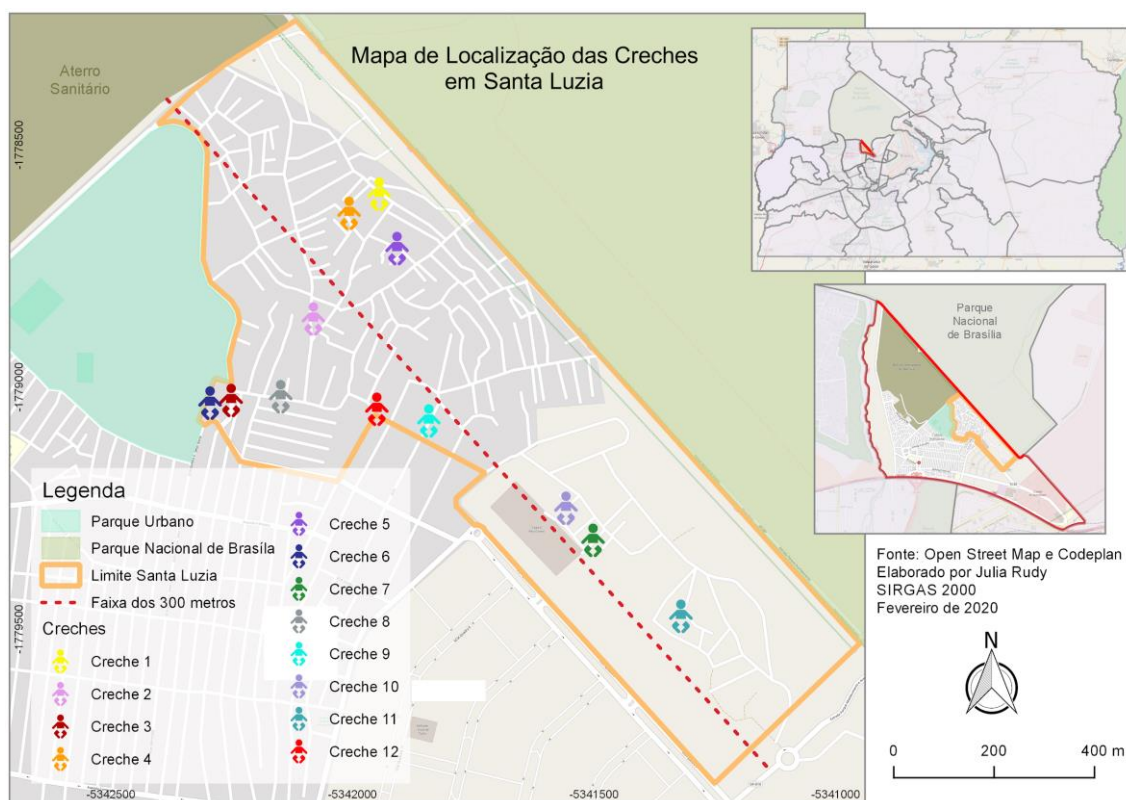
A comunidade Santa Luzia, localizada dentro da Cidade Estrutural configurou-se a partir da inatividade de propriedades privadas essa localidade chamava-se Setor de Chácaras Santa Luzia. A geógrafa Jéssica Mendes Miranda, desenvolveu a sua monografia sobre a “Infraestrutura e qualidade de vida: o caso da Chácara Santa Luzia” e em seu trabalho obteve, junto à comunidade, a informação de que a desocupação dessa área se deu pelo fato das chácaras estarem muito próximas ao aterro sanitário fazendo com que o governo os transferisse para uma região agricultável perto do Recanto das Emas e do Riacho

Fundo II para que essas pessoas pudessem continuar a sua produção. Porém, com esse esvaziamento a população, principalmente, de trabalhadores rurais brasileiros com a economia baseada em produção agrícola, mas que com a mudança não foram absorvidas já que Brasília, apesar de ter também essa possibilidade de profissão não é a sua principal atividade econômica. Com isso, essas pessoas passaram a ocupar o território que anteriormente eram das chácaras. E, por causa da sua proximidade com o aterro, os moradores que ocuparam essa região foram, principalmente, os que estavam interessados em trabalhar ou já trabalhavam com separação e reciclagem, sendo assim a característica básica dessa população.

Posto essa forma como se estabeleceram os novos moradores dessa região, tem se como consequência a formação de uma comunidade que pode ser caracterizada pela falta de infraestrutura, asfaltamento, saneamento básico, iluminação urbana e privada. A partir do crescimento da comunidade, algumas mulheres contam que começaram a ver muitas crianças brincando nas ruas que, por causa da falta de saneamento básico e a infraestrutura necessária, estavam expostas a diversos fatores de risco, principalmente, para a saúde. Além de muitas dessas mulheres trabalharem na reciclagem e desejarem não trabalhar mais com isso, ou não poderem por questões de saúde. Assim sendo, essas mulheres começaram a cuidar das crianças dos vizinhos até essa proposta se tornar uma creche. Todas as 12 creches estudadas se encaixam de alguma forma nessa narrativa, com exceção da creche 2 que antes era um projeto amplo de pessoas fora da comunidade e depois uma mulher de Santa Luzia assumiu tornando-o uma creche, as creches 7 e 10 que começaram atendendo a comunidade de forma geral e depois decidiram priorizar o atendimento para as crianças.

As creches foram identificadas a partir de algumas tentativas. A primeira aproximação foi feita com a creche 1 que já conhecíamos de outros contatos feitos, principalmente, pela Professora Shadia. Depois essa crecheira nos levou a creche 6. Após a tentativa de conseguir indicação das próprias crecheiras, foram feitas buscas na ferramenta online "Google" e em redes sociais como "Facebook" por creches na Estrutural e em Santa Luzia. Mas a obtenção do número real de todas as creches e a possibilidade de contato com todas elas foi feita depois do apoio do vice presidente da Associação de Moradores de Santa Luzia. As localizações das creches obtidas no período de realização da pesquisa, entendendo que essa é uma

situação mutável e temporária, por estarem em um território de conflito e instabilidade que em qualquer momento elas podem precisar se realocar, foram representadas no mapa a seguir. O mapa contém, além das localizações, alguns espaços urbanos e a linha pontilhada vermelha que marca aproximadamente onde deveria ser a zona de amortecimento, que segundo o Instituto Chico Mendes da Biodiversidade (ICMBio), consiste em uma área livre ao redor dos parques e reservas com objetivo de reduzir impactos. Essa proximidade da Santa Luzia com o parque é o que gera os conflitos entre a comunidade e o Estado.



Com o objetivo de analisar a iniciativa das mulheres em Santa Luzia verificando o quão importante essas ações são para esse território, a pesquisa foi realizada a partir do método dedutivo a começar com a etnografia. O método etnográfico consistiu na coleta de dados por meio de entrevistas focalizadas (GIL, 2019, p. 116), na observação participante e no diário de campo feitas com a colaboração das crecheiras, monitoras e de representantes da comunidade. Essas entrevistas se constituíram como conversas informais guiadas pelos objetivos da pesquisa.

Com relação às entrevistas, elas foram feitas com todas as 12 crecheiras e quando oportuno foram feitas também com algumas monitoras². As conversas não tiveram ferramentas para o auxílio de registro como gravadores ou caderneta de campo a fim de evitar bloqueios e/ou distanciamentos nos relatos. Esse método escolhido proporciona um diálogo com menos barreiras e hierarquias que podem, eventualmente, ser criadas entre a pesquisadora e as pessoas entrevistadas. As relações que se estabeleceram no decorrer da pesquisa possibilitaram o acesso a informações que por meio de entrevistas estruturadas ou semiestruturadas não teriam sido obtidas. Foi observado que quanto mais próximas ficávamos mais elas falavam sobre elas, as creches e suas realidades.

Como Antônio Carlos Gil, autor do livro “Métodos e Técnicas de Pesquisa Social” (2019), coloca “numa comunidade rigidamente estratificada, o pesquisador, identificado com determinado estrato social, poderá experimentar grandes dificuldades ao tentar penetrar em outros estratos” (GIL, 2019, p. 107). Por isso, o método da observação também foi utilizado como uma forma de também se aproximar mais das vivências e realidades encontradas nas creches e na comunidade.

A observação participante “consiste na participação real do observador, na vida da comunidade” (GIL, 2019, p. 107) e esse método exigia atenção desde o momento da entrada na Estrutural e em Santa Luzia, até o momento de escrever sobre tudo que foi vivido estando na comunidade, ouvindo cada um que se disponibilizou a conversar. Foram feitas doze observações durante todo o processo da pesquisa, mas duas delas foram mais intensas e longas para a obtenção dos dados, a primeira foi na creche 1 em uma ação feita todo último sábado do mês a fim de capacitar profissionalmente as mulheres da comunidade. A outra, foi feita na creche 4, onde foi possível passar o dia das crianças na creche observando os grupos de doadores e as diferentes ações feitas por cada um deles.

Após as entrevistas e as observações participantes, foram elaborados os diários de campo para que tudo fosse registrado. Além disso, para que fosse feito o maior aproveitamento das informações obtidas em campo, os dados coletados

² Monitoras: são as mulheres que estão presentes no dia a dia das creches cuidando e fazendo atividades com as crianças.

foram sistematizados em uma tabela, sendo as colunas os objetivos da pesquisa e as linhas as creches que foram entrevistadas.

Através dos relatórios de campo foi possível compreender o que foi vivido e o desafio de relatar com o máximo de detalhes possível tudo o que foi coletado a partir da vivência, da observação e participação. Todos esses métodos tanto a entrevista focalizada quanto a observação participativa, possibilitaram o acesso a informações que não seriam previamente identificadas para serem abordadas em uma entrevista semi estruturada, por exemplo. O que pode ser apontado como um desafio em todo esse processo foi a etapa de registrar tudo após os campos, visto que as entrevistas possibilitaram o acesso a muita informação e isso se tornou um desafio pelo fato de não ter sido usada uma ferramenta para registro.

Capítulo 2 - O papel das creches e das crecheiras na construção dos territórios em resistência.

Este capítulo tem como objetivo apresentar os resultados obtidos correlacionados com os conceitos a fim de verificar qual o papel das creches e das crecheiras na construção dos territórios em resistência. Identificando e caracterizando as iniciativas econômicas encontradas nas creches; verificando a lógica familiar-comunitária e como ela influencia na produção desse território e, por último aferindo em que medida essas economias constituem o território em resistência.

Para isso, é pertinente entender que as creches em Santa Luzia são compreendidas a partir do que foi relatado nas entrevistas. E com elas foi possível trazer informações de que essas iniciativas começaram por interesse das mulheres da comunidade em receber crianças que estavam sendo expostas a ambientes insalubres para oferecer vivências mais saudáveis, além de ser uma oportunidade de muitas delas não trabalharem mais na catação e reciclagem e ajudarem as mães e famílias que precisam ir trabalhar deixando seus filhos sozinhos em casa.

Com isso, essas iniciativas passaram a ser fundamentais não só para as famílias que se utilizam desse serviço prestados aos seus filhos, mas para a comunidade, que começou a receber também ajuda das creches. A influência delas se tornou o caminho onde pessoas interessadas podem ajudar a comunidade e muitas ações começaram a ser feitas por causa dessa influência e interação.

2.1 As iniciativas econômicas presentes nas creches.

As iniciativas econômicas serão entendidas aqui das crecheiras se caracterizam a partir das ações que viabilizam a sua existência. A fim de identificar essas ações o presente trabalho advém do conceito de economia alternativa proposto por Healy (2009), partindo também do que é construído por Gibson-Graham (1996), que considera outras formas de produção e trabalho caracterizando assim as economias alternativas.

As iniciativas econômicas encontradas nas creches podem ser caracterizadas, e serão descritas a seguir, a partir das seguintes ações, relatadas: as doações, as trocas de serviço por cestas básicas, os bazares, a alimentação das crianças e da comunidade, as contribuições, as parcerias, a renda complementar

que algumas têm, as remunerações e com tudo isso sendo observado o apontamento da heterogeneidade das economias alternativas.

A primeira iniciativa econômica identificada, a partir dos relatos, são as doações feitas a partir de organizações e/ou de pessoas interessadas em ajudar, que se voluntariam como podem, a partir de recursos materiais ou até mesmo o seu tempo e habilidades para oferecer cursos, oficinas e atividades diversas. Foi percebido que as doações são, a maior parte, alimentos não perecíveis, roupas e brinquedos. Essas doações caracterizam outras três iniciativas, a primeira é a economia de troca de serviços na creche pelos alimentos, a segunda é a economia circular que consiste na venda das roupas em bazares para a obtenção de dinheiro possibilitando o acesso a serviços que não aceitam trocas e a terceira é a alimentação proporcionada pelas creches.

Com relação aos serviços feitos nas creches subsidiado por meio das trocas, os mais encontrados, nas narrativas, foram o das monitoras e de pessoas da comunidade que ajudam em alguma outra demanda da creche, como, por exemplo o de limpeza. Todas as 12 creches se encaixam nessa iniciativa. Ela pode ser exemplificada também quando a crecheira 1 diz: “dinheiro eu não tenho”, sendo essa fala recorrente no meio das crecheiras, o que aponta para a necessidade que se tem de repensar os processos de trabalho e produção para que, apesar disso, as creches possam funcionar. Um outro exemplo de troca, que também é recorrente, de acordo com o que é contado pelas crecheiras, foi o da crecheira 4 que pintou a fachada da creche trocando o serviço por um computador.

A economia gerada pela venda das roupas recebidas nas doações, também está presente na narrativa de todas as creches. O que também pode ser compreendido nas entrevistas é a forma como cada uma promove o seu bazar e utiliza o recurso levantado. Entendendo que os bazares são uma outra iniciativa econômica, ela será descrita mais adiante.

E, por último, no que concerne as economias geradas pelas doações, tem-se o cuidado com as crianças e a comunidade. Healy em seu texto “Economies, Alternative”, na página 340, aponta em uma tabela as possíveis economias alternativas encontradas em grandes grupos que ele organizou em: transações; trabalho e empreendimentos. Na coluna “trabalho” é possível encontrar as economias alternativas organizadas em “alternativa paga” e “alternativa não paga”, sendo que nesta última o autor aponta para o cuidado da família. Ou seja, o cuidado

é considerado uma alternativa não paga viabilizada pelo trabalho. Essa consideração do conceito traduz o que é encontrado na narrativa de todas as creches para com as crianças e a comunidade. O acesso que as creches têm ao alimento por meio das doações proporciona o acesso a todos da comunidade que estão, de alguma forma, associados às creches. Desde as crianças e as monitoras que estão lá todos os dias até as famílias, os vizinhos e conhecidos das crecheiras que elas conseguem ajudar.

Pelo fato da maior parte das doações de alimentos serem de não perecíveis, de acordo com o que foi possível notar a partir das observações e conversas, as iniciativas adotadas pelas crecheiras para obter os alimentos perecíveis, são bastante diversas. As que foram melhor compreendidas nas entrevistas foram: a creche 1, 2, 4 e 5. A crecheira 1, contou ter um doador fixo de carne e um feirante da CEASA (Central Estadual de Abastecimento). A creche 2 recebe frutas, verduras e legumes de um programa contra a fome e o desperdício do SESC (Serviço Social do Comércio) chamado Mesa Brasil. A crecheira 4 conheceu a responsável de uma ONG (Organização Não Governamental) que consegue verduras no CEASA, e juntas se ajudam para pegar todas as doações. A crecheira 5 contou que para conseguir os alimentos perecíveis ela vai até o CEASA e pede doação dos feirantes.

Como dito anteriormente os bazares são outra iniciativa econômica gerada a partir da iniciativa de doações, que são feitos com as contribuições de roupas e que não acrescentam diretamente para a gestão da creche, sendo assim o bazar é a opção que viabiliza o acesso ao dinheiro para fazer os pagamentos dos serviços que não aceitam as relações de troca. Essa economia foi encontrada nos relatos da maioria das creches, mas com mais evidência nas creches 1, 2, 5 e 9. O que diferencia é a forma como cada uma realiza seus bazares. Aqui serão descritas as formas mais significativas que apontam para outras iniciativas econômicas.

A crecheira 1, contou que para ter êxito em seus bazares, acordou com mulheres que fazem bazares fora (ela as chamou de “bazazeiras”), para comprarem as roupas dela, no valor máximo de quatro reais, e o que não as interessa ela promove o bazar solidário para as mulheres da comunidade, que consiste em disponibilizar as roupas e as mulheres escolherem o que querem e precisam sem pagar por isso. Ou seja, a responsável depende de outra iniciativa econômica das “bazazeiras” para que a sua seja possível. Assim como a crecheira 5, que quando

recebe doação de roupa vende em uma feira em Santa Luzia, por conseguir colocar valores maiores nas peças disponíveis, portanto, ela também se utiliza de uma iniciativa da comunidade para viabilizar o seu bazar.

Além dos bazares foi possível empreender a promoção de rifas na creche 9. Essa ideia se deu a partir da doação de uma máquina de lavar e secar que haviam ganhado a pouco tempo e isso proporcionou a resolução do problema de espaço que estavam tendo. A rifa deu certo e foi possível arrecadar o dinheiro necessário para essa mudança. No período da entrevista, a creche ganhou uma máquina lava louça e iria promover uma nova rifa para conseguir pagar a obra no lugar definitivo que a creche ficará.

Ainda com relação às doações, foi relatado pela maioria das crecheiras uma sazonalidade, tendo um alto número começando em outubro, devido ao dia das crianças, e indo até dezembro, por causa do natal. A crecheira 2 relatou que essa contribuição é o que mantém a creche nos seis primeiros meses do ano. Depois, tem-se uma procura dos doadores na época da páscoa e as ações dos grupos de doadores passam a ser mais frequentes só em outubro de novo. A partir da análise anterior, da sazonalidade das doações, é possível perceber que existe uma correlação com datas religiosas, talvez pelo fato de que nessas datas o pensamento de solidariedade está mais difundido.

A partir do contato com as creches “ também iniciativas econômicas que independem das doações. Como, por exemplo, um grupo espírita que dá cursos para as mulheres, ligados a capacitação profissional todo último sábado do mês na creche 1. Foi possível identificar grupos de doadores reformando as creches ou disponibilizando materiais para isso. Como Healy descreve em seu texto, a economia alternativa é também a troca, os presentes, as doações, com isso é possível dizer que a reforma das creches também são iniciativas econômicas. Essa iniciativa foi observada nas creches 1, 2, 3, 5, 6, 8 e 10.

Outra iniciativa econômica que foi possível notar foram as colaborações feitas por pessoas públicas como deputados, por exemplo, e pessoas dispostas a ajudar com o seu conhecimento. As colaborações foram percebidas nas creches: 2, 3, e 12. A crecheira 2, conseguiu levar mais visibilidade ao problema que a comunidade passava com acesso a água depois de publicar um vídeo pedindo ajuda, fazendo o chegar até um deputado distrital que divulgou o seu vídeo. A crecheira 3 contou que todos os documentos que providenciou para a creche foi

com a ajuda de uma pessoa que tinha conhecimento de todas as documentações necessárias para isso. E a creche 12 conta com uma ONG que divide o espaço com ela e ajuda com os alimentos perecíveis a cada quinze dias.

As parcerias também foram uma iniciativa presente e sempre valorizadas pelas crecheiras. As creches que disseram ter doadores fixos foram: 1, 4, 5, 8, 10 e 12. A crecheira 4, recebe ajuda de uma policial que se tornou madrinha do projeto que consiste em fazer enxoval para as mulheres grávidas da comunidade, essa parceria já significou várias trocas e eventos de doação com grupos de policiais que se organizam para ajudar com doações e palestras. A creche 5, também tem um projeto de enxoval, mas a diferença é que ela ajuda as mães que têm filhos na creche e estão grávidas, para isso conta com uma parceria com o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social). A creche 10 hoje tem uma doadora fixa que é médica pediatra e providência consultas e remédios para as crianças.

Uma nova iniciativa econômica percebida são as remunerações que a maior parte das crecheiras tentam dar para as suas monitoras. As creches que falaram sobre foram: 1, 2, 3, 4, 5 e 12. Para isso cada uma tem a sua forma de obter esse recurso. A crecheira 1, explicou que usa o dinheiro dos bazares que ela promove para ter uma renda, além das cestas básicas. A creche 2, relatou que sempre remunera todos que trabalham lá com quatrocentos reais, e foi relatado que a crecheira faz campanhas nas redes sociais para que as pessoas apadrinhem crianças e o dinheiro arrecadado pague os funcionários. A creche 3, explicou que conta com a ajuda de doze monitoras e uma professora, para as monitoras eles dão cestas básicas e para a professora eles combinaram o valor de quinhentos reais, que nem sempre conseguem pagar, mas para conseguir o dinheiro eles contam com a ajuda dos pais e a renda complementar do aluguel de uma casa em Samambaia.

Foi possível observar também as rendas complementares que se configuram como uma iniciativa econômica das creches. Segundo o que é relatado pelas crecheiras entende-se que, essa renda que se tem com a contribuição dos pais é o que possibilita pagar serviços e despesas que não aceitam as permutas.

A renda complementar foi compreendida nas entrevistas a partir de meios como, contribuição dos familiares das crianças, trabalhos extras e a renda dos maridos das crecheiras. As creches 3, 5, 6, 9 e 12 pedem contribuições mensais para pagar despesas. A crecheira 4 que trabalhava a noite como garçomete, vendia

pano de chão e saco de lixo no sinal e vendia perfume para conseguir uma renda complementar. Porém, precisou parar com várias dessas atividades por causa de um acidente vascular cerebral (avc) que sofreu no início do ano de dois mil e dezenove. E a crecheira 11 que para conseguir uma renda extra ela trabalha com reciclagem e disse conseguir em uma semana cerca de 200 reais.

Diante das descrições de todas as iniciativas econômicas que precisam ser feitas para viabilizar as creches é possível perceber que a articulação social compreendida na observação da dinâmica das creches é o que possibilita que economias alternativas aconteçam e sejam identificadas. Em todas as iniciativas descritas é perceptível os meios de produção e consumo considerados por Healy (2009), a troca de alimentos por serviços, as doações, a cooperação entre as creches, os espaços cedidos, as promoções de cursos capacitação. E como essas iniciativas econômicas se dão a partir de uma noção do valor de uso, como por exemplo, quando uma das crecheiras trocou um computador por uma pintura nova na creche. Isso aponta para a relação que se tem com o que é necessário e para que seja possível independente das limitações impostas.

2.2 A lógica familiar-comunitária nas iniciativas econômicas das creches e como essa lógica influencia as creches.

Com base nas análises dos movimentos sociais da América Latina e a proposição do conceito de territórios em resistência feitos por Zibechi (2015), a presença da mulher nesses movimentos é uma das principais características apresentadas junto com a forma como elas constroem esse novo mundo para a autoconstrução dos territórios em resistência, essa é uma lógica que é desenvolvida em casa entre a família, mas está sendo estabelecida para a construção e gestão de uma iniciativa que visa a comunidade. Zibechi (2015) a caracteriza da seguinte forma:

“A força das mulheres, e esta é uma característica dos movimentos atuais em todo o continente, consiste em algo tão simples como se juntar, apoiar-se umas as outras, resolver problemas ao ‘seu’ modo... com a lógica implacável de fazer como fazem em suas casas, de levar ao espaço coletivo o mesmo estilo de espaço privado, uma atitude comunitária espontânea da mulher-mãe que vimos, entre muitos outros...” (ZIBECHI, 2015, p 59 - 60)

Tendo como base esse olhar, a lógica familiar-comunitária sendo um conceito que tenta trazer em sua proposta a diferença entre uma lógica

individualizada com uma que é coletiva, que está atenta ao outro, será identificada com início em: como se dão as relações entre as creches; as dinâmicas estabelecidas nessas iniciativas, que são geralmente estabelecidas no privado, e situações em que essas dinâmicas ultrapassam as creches e chegam na comunidade. Essas relações e situações descritas a seguir também são iniciativas econômica, mas demonstram e respondem como se dá a lógica familiar-comunitária.

Nos relatos ouvidos em campo pode-se aferir o que é traduzido por Zibechi como uma lógica familiar comunitária, a começar com as relações estabelecidas entre as creches. O que é pontuado pelo autor é que essa lógica “consiste em algo tão simples como se juntar” (ZIBECHI, 2015, p 59 - 60). Essas relações de ajuda foram identificadas nas creches 1, 5, 6, 12. As situações identificadas foram, basicamente, divisão de doações grandes entre as elas, indicação de creches para doadores, doação de alimentos e recursos que algumas delas precisavam e outra poderia suprir, troca de materiais e recursos que interessam ambas as partes.

A crecheira 5 que contou ter recebido uma doação grande de leite e por ser um alimento perecível ela dividiu essa doação com outras duas creches, sendo elas a 6 e a 12. Ela contou que a crecheira 12 a indicou para um doador que hoje faz contribuições importantes para o funcionamento da sua creche. Outra relação identificada foi a creche 1 com a 6, na semana em que as entrevistas foram feitas, a creche 6 estava reabrindo depois de terem precisado parar as atividades por causa de um cheiro muito forte de esgoto na casa. A crecheira falou que era algum problema com a fossa, mas logo que conseguiu melhorar o problema voltou com as atividades. E, para que isso fosse possível, no início daquela semana, ela pediu alimentos perecíveis para a crecheira 1, como carne e frutas, porque com a creche parada por um tempo ela estava sem doadores. Essa entrevista foi possível porque a crecheira 1 ganhou da creche 2 protetores de berço para serem usados no seu futuro berçário e na entrevista pediu ajuda para pegar esses protetores, então foi a oportunidade de conhecer outra creche. Em uma nova entrevista a crecheira contou que além da creche 1, ela já foi indicada para doadores interessados em fazer ações pelas creches 7 e 10.

A crecheira 11 também informou que está passando por dificuldades por não ter conseguido o número de doações que esperava no final do ano, então ela recorreu a creche 1 que ajudou com o que ela precisava para continuar com as

atividades previstas, apesar disso precisou entrar em recesso por não ter o que oferecer para as crianças. Mesmo que essas relações tenham sido identificadas a crecheira 10, pontuou que algumas creches não gostam que os doadores conheçam outras creches para não ter que dividir as doações, essa observação demonstra que as relações nem sempre são boas e que existe uma competição entre elas, mas disse também que por causa da proximidade geográfica com a creche 7 elas se ajudam mais.

Não obstante, o período da pesquisa foi oportuno para identificar que as relações de competição que existem entre elas, por causa da dinâmica de dependência de doadores, foi amenizada diante do problema de água que a comunidade passou durante o ano de 2019, ano que foram feitas as entrevistas. Com esse problema que a comunidade tem enfrentado as creches têm exercido um importante papel na articulação com o governo a fim de solucionar o problema. Para isso, a responsável pela creche 4 fez um grupo de *whatsapp* e nele colocou todas as crecheiras da comunidade para poderem se organizar. Ela contou que algumas ficaram e se organizaram para ir até as audiências públicas que foram para discutir sobre isso, mas outras crecheiras não se envolveram. Com esse problema da água uma das soluções que foi acordada foi o abastecimento feito pela caesb nas creches da comunidade, para que assim eles pudessem ter acesso a água. Isso revela mais uma vez, o que foi descrito nos parágrafos anteriores, como as creches apoiam a comunidade e possibilitam o acesso à comunidade aos direitos que são negligenciados. Por causa desse problema as crecheiras passaram a se comunicar e se ajudar mais, tentando buscar soluções e ajudando umas as outras, principalmente com informações.

Com base no conceito de Zibechi (2015) uma característica importante da lógica familiar-comunitária presente nos territórios em resistência é “a lógica implacável de fazer como fazem em suas casas” (ZIBECHI, 2015, p 59 - 60). Essa característica pode ser identificada na forma como as crecheiras, em geral, têm um discurso que indica noção de afeto e a necessidade de proporcionar uma boa estrutura para as crianças.

O afeto, que pode estar associado a uma tendência do meio privado, foi identificado nas falas das monitoras da creche 1, por exemplo, encaram em seu discurso a noção de cuidar das crianças como cuidam dos seus filhos, além da maioria delas levarem os seus filhos para a creche. Outro relato parecido são de

algumas crecheiras que disseram fazer essa iniciativa por amor, que não basta gostar do que faz, mas é necessário amar tudo isso. Ainda com relação ao afeto entre as crianças e as crecheiras a creche 4 passou por uma inundação que prejudicou a sua estrutura e a responsável contou que ficou de cama por dias, abatida com a situação e contou que o que a fez sair dessa situação foram as crianças que a procuravam com saudade, com isso ela disse que os considera como filhos.

Essas relações familiares se estabelecem, não só entre as crianças e as suas cuidadoras, como também entre elas, as monitoras e as crecheiras, o que foi possível perceber é que algumas creches tem monitoras com alguma relação com as crecheiras, entre outras, na creche 1, 3 e 9 algumas monitoras eram noras das crecheiras ou tinha alguma relação de parentesco. A responsável pela creche 3 contou que a professora que ministra as atividades pedagógicas para as crianças, perdeu um filho e por estar em depressão a incentivou a trabalhar nessa creche, para que ela pudesse ter uma ocupação. Na creche 1 a cozinheira faleceu, no ano da pesquisa, e quando a responsável pela creche contou estava mal e disse que tentou dar amparo para a filha da cozinheira, disse ter dado uma quantia em dinheiro para ela, além de ter providenciado junto aos doadores o velório.

Além do mais, tem-se no conceito que essa lógica alcança a comunidade e as seguintes informações obtidas demonstram isso, com início na forma como os recursos da creche estão disponíveis. A crecheira 1, dispõe de cestas básicas para pessoas que a procuram pedindo ajuda, as trocas que são feitas de serviço por cesta básica também indicam essa lógica. A forma como os bazares são feitos da mesma forma.

Outro ponto que demonstra essa lógica alcançando a comunidade, são os projetos e ações que as crecheiras desenvolvem em seus espaços. A creche 1 faz sopa ou outras comidas toda sexta a noite para a comunidade. Além disso, falou várias vezes que ela faz questão de ajudar a todos que a procuram pedindo por comida ou até mesmo um serviço na creche em troca de cesta básica. Na creche 4 realiza-se o projeto, já mencionado, de doação de enxoval para as mães grávidas da comunidade como um todo e além de ajudar famílias da comunidade com o que estiverem precisando e ela tiver como: cestas básicas, fralda, roupa. A responsável contou que já ajudou famílias em outras regiões como no Valparaíso de Goiás.

A crecheira 5 contou que quando acontece de ter mais alimento que o necessário para a creche, ela distribui o restante com as mães das crianças. Ela mencionou sobre uma doação grande que recebe de feijão com certa frequência e quando ela recebe, compartilha entre as mães da creche e fica com o necessário para alimentação das crianças. Na entrevista ela falou: “Não tem porque eu ficar guardando alimento sendo que estraga, quando eu encho os meus armários e vejo que eu tenho o suficiente para as crianças eu dou para as mães.” Contou também que em uma ação médica que teve na comunidade conseguiu remédio para piolho para todas as crianças da sua creche, por ter contado para a médica que era responsável por essa iniciativa.

Considerando que os papéis de gênero são resultados de uma construção social e que essa construção associa a mulher ao cuidado, a proteção, o amor, é possível perceber que essa construção está presente no discursos dessas mulheres. Sendo assim, esse papel exercido pelas crecheiras em Santa Luzia é promovido a partir de um discurso que parte de premissas patriarcais, mas ao investigar melhor muitas das iniciativas e relações apontadas exercem papel político fundamental para a comunidade.

A gestão dos seus recursos a partir de trocas e favores, as relações estabelecidas, sejam elas entre as creches ou entre as crecheiras, as monitoras e as crianças, a disponibilidade de recursos das creches para a comunidade, demonstram a lógica familiar-comunitária existente em territórios como a comunidade de Santa Luzia. Todos esses pontos citados apontam para a visão que o autor traz no conceito de territórios em resistência e evidencia a importância política das mulheres nesses territórios.

Além de tudo o que foi exposto anteriormente, mesmo que indicando o apoio que as creches dão a comunidades, existem outras informações obtidas que demonstram ainda mais esse apoio. Que são as oportunidades de serviços em troca de recursos que as crecheiras dão a pessoas da comunidade. As creches que foi possível observar esse apoio fora: 1, 2 e 10 Na creche 1 foi observado, durante as visitas, o movimento de pessoas que procuram pela crecheira, como, por exemplo, uma mulher que ajuda na limpeza da creche, tendo como forma de pagamento as cestas básicas. Além de sempre doar alimentos para quem bate em sua porta pedindo, e na dificuldade com água ajudar a comunidade a ter acesso.

A crecheira 2 oferece oportunidades para as pessoas até por ter a limitação das doações dos alimentos não perecíveis e disse sempre tentar oferecer essas oportunidades. Além disso a creche também recebe adolescentes que ajudam nas atividades com as crianças, segundo a crecheira essa é uma forma deles se desvincularem do ambiente que elas têm em casa para estarem em um lugar em que elas vão aprender e estar com amigos.

A crecheira 10 contou que faz outros projetos como o de futebol para as crianças em que o marido dá os treinos, contou também do projeto do salão solidário em que ela abre a creche para as mulheres se arrumem para as festas de final de ano e façam/ensinem uma as outras. Disse ajudar várias famílias além das que são atendidas pela creche, contou que ajuda famílias na Bahia, onde sua família mora. Além disso, sempre tenta ajudar e melhorar a sua vizinhança, contou que com a reforma da creche ela conseguiu colocar brita na rua inteira, que era de terra, disse que quando for pintar a fachada da creche pretende pintar também as fachadas de todas as casas da rua. Ou seja, os recursos que ela tem acesso por causa da creche ela tenta estender para as pessoas que estão perto e que ela sabe que precisam.

Com tudo isso, apesar das diferenças apresentadas todas as creches apoiam e ajudam a comunidade como podem. O que pode ser notado também é o fato de todas elas serem o lugar que viabiliza as ações dos grupos de doadores. Os grupos interessados em ajudar a comunidade vão até as creches para fazer suas ações e tem esses espaço para desenvolverem atividades e acessar a comunidade.

2.3 As iniciativas econômicas das creches e o conceito de territórios em resistência.

Com o que foi exposto, pode-se considerar que a análise das iniciativas das creches a partir do conceito de economias alternativas e de territórios em resistência, foi possível identificar as abordagens econômicas existentes nas creches e verificar em que medida essas abordagens seguem a lógica familiar-comunitária descrita por Zibechi (2015). Tudo isso, oportuniza aferir em que medida essas iniciativas constituem o conceito de territórios em resistência. Logo, essa aferição será feita a partir dos aspectos que compõem o conceito, sendo eles a “criação de territórios”, os “novos sujeitos políticos” e os “novos ofícios” que possibilitam as “economias contestatárias”.

A começar pela criação de territórios e como as creches colaboram para a configuração dessa característica do conceito de territórios em resistência. Faz-se necessário lembrar do contexto social em que a comunidade está inserida e da articulação social que precisam para oportunizar recursos. A partir disso é possível inferir que as creches em Santa Luzia colaboram para essa construção da Santa Luzia como um território de resistência por proporcionar condições melhores das que estão postas para a comunidade.

Na perspectiva das monitoras que são mães, as creches são uma oportunidade de emprego que permite cuidar dos seus filhos, e/ou a oportunidade de não depender mais do aterra e das cooperativas, no caso das mulheres que eram catadoras. Para as crecheiras o que se diferencia das monitoras é a melhoria da sua casa, tendo em vista que a maioria das creches são ao mesmo tempo as casas dessas mulheres e por consequência a possibilidade de reformas e melhorias, considerando que todas as creches visitadas tinham estrutura de alvenaria em uma comunidade em que todas as casas são de madeirite. E, para a comunidade, a criação de território proporciona novas possibilidades e a facilitação do acesso a recursos básicos, como por exemplo o alimento e a roupa. Com base nisso, é possível perceber que as creches são criadas a partir de uma apropriação para atender a comunidade, já que essas possibilidades não seriam viáveis sem uma iniciativa como essa.

Como evidenciado em toda a pesquisa, as creches são pensadas e realizadas por mulheres, essa é uma posição que exige articulação e relacionamentos políticos na comunidade e fora dela. A construção desse território resulta na proposição de uma liderança política nova quando comparada as lideranças políticas institucionalizadas. Nesse sentido, as creches constituem o território em resistência de Santa Luzia quando apresentam novas sujeitas políticas, mulheres que articulam e viabilizam direitos para a comunidade, compreendendo que as posições de poder político são em sua maioria ocupadas por homens. Um exemplo, de como as crecheiras são novas sujeitas políticas, foi a importância da presença de cada uma delas nas audiências públicas promovidas para exporem o problema de água, causado pelo Estado, na comunidade para as autoridades distritais e federais. Com essa articulação foi acordado que as creches seriam abastecidas com caminhões pipa e uma caixa d'água seria colocada na comunidade.

Conforme pontuado anteriormente, as creches são para as suas agentes (crecheiras e monitoras) um novo ofício, uma atividade que não seria possível se não fossem as creches. Essa iniciativa só é proporcionada a partir das economias alternativas estabelecidas pelas crecheiras que trazem a proposição de processos que são independentes dos processos de produção capitalista. Tendo em vista o que já foi discutido no primeiro tópico, a maior parte do que se detém de recursos é consolidada por meio de trocas e de negociações que visam suprir a necessidade das partes interessadas. Por exemplo, se uma moradora da comunidade precisa de uma cesta básica e a dona da creche precisa de um serviço temporário, as duas fazem a troca desses recursos para que ambas sejam beneficiadas. Essa forma de viabilizar essas iniciativas em Santa Luzia apontam para o que foi conceituado, anteriormente, como economias alternativas.

Sendo assim, as creches colaboram para a construção de um território em resistência no que concerne a criação de território para Santa Luzia, tendo novas sujeitas políticas e sendo uma nova possibilidade de trabalho levando a produção de economias alternativas. Mas, o autor pontua também que o território em resistência é um mundo próprio que se autoconstrói e se mantém de maneira autocentrada e nesse ponto as creches não se constituem no aspecto da manutenção autocentrada da creche com a comunidade, por precisar também da contribuição dos doadores que estão fora dessa realidade. Como descrito no primeiro tópico, todas as iniciativas econômicas partem dos recursos que as creches recebem e a maioria deles chegam a partir das doações. Aqui serão expostas algumas informações que foram obtidas que evidenciam essas relações das creches com pessoas e grupos de fora da comunidade para viabilizar essas iniciativas e as suas fragilidades.

Na creche 1, além da presença, já mencionada, do grupo espírita todo último sábado do mês, a crecheira contou sobre um delegado, um juiz e bancários que ajudaram a construir a creche e ajudam com frequência, apesar de alguns deles não morarem mais no Brasil, disse manter contato com os doadores frequentes através de um grupo no *whatsapp* entre eles está essas pessoas que ajudaram na construção da creche. Relatou também que no período eleitoral algumas igrejas e grupos religiosos que ajudam a iniciativa com regularidade disseram que caso ela apoiasse algum político eles não ajudariam mais, isso aponta para uma certa fragilidade existente nessas relações.

A creche 2, faz bastante o uso das redes sociais para pedir ajuda e divulgar o trabalho que é feito. No dia 3 de setembro de 2019 a creche publicou um vídeo relatando sobre o problema de água que está enfrentando e um deputado distrital divulgou o vídeo em suas redes sociais. Além dessa divulgação foi encontrada a rede social de um grupo de doadores falando sobre o problema da água e mostrando as doações de água feitas para a creche. A creche 3, tem documentos como CNPJ e só conseguiu porque teve ajuda de uma pessoa que conheceu na igreja. A pastora conta que o que a ajudou muito foram os antigos contatos que ela tinha por ter trabalhado como diarista por muitos anos. Os antigos chefes que ela teve e as famílias para quem trabalhou a ajudaram, principalmente no quando começou a creche. Eles também tem um grupo no *whatsapp*, que o filho dela fez, para se comunicar com as pessoas que já ajudaram a creche.

A crecheira 4 tem contatos importantes com policiais e servidores públicos, inclusive no dia das crianças, em que foi feita a observação participativa, um policial contou que estabeleceu vínculo com as creches não só para ajudar, mas também para conseguir informações sobre os casos que investigam de violência contra a mulher na comunidade. Ou seja, existe também uma relação de cooperação entre as crecheiras e os doadores. Além disso, a crecheira tem contatos com médicos e farmacêuticos que facilitam o acesso a diagnósticos e remédios. A crecheira 5 também conseguiu com uma médica em uma ação social doação de medicamentos para as crianças como remédio e xampu para piolho. Além disso sua creche foi reformada por uma arquiteta, filha de uma senhora que tem ajudado a creche e feito campanha no facebook pessoal para arrecadação de dinheiro para a reforma a partir de uma vaquinha, site de financiamento coletivo.

Essas relações externas são essenciais para o funcionamento das creches, na creche 6 por causa do tempo que tiveram que parar as atividades repercutiu no seu funcionamento por ter interrompido também o contato com os doadores, no dia em que a entrevista foi feita a crecheira contou que os alimentos que ela tinha foram da doação feita por uma bancária que fez uma ação para arrecadar doações para a creche no seu grupo de servidores. E, assim como as creches 1, 5 e 10 essa também contou com ajuda dos doadores para fazer reformas na casa e adaptá-la para receber as crianças. A creche 10 também reformou a creche com a ajuda de um doador que ela contou que fez praticamente tudo e com o dinheiro dela conseguiu comprar um metro de areia. Contou também que teve outro doador, que

é um doador importante da creche 7 que doou uma quantidade considerável de material para essa reforma.

No dia em que foi feita a entrevista com a crecheira 7, ela não pode ficar muito tempo porque estava preparando as crianças para um passeio na câmara e um ônibus iria buscá-los. Esse episódio indica como o Estado faz aproximações com a comunidade, tentando se fazer presente junto às creches mesmo que essas iniciativas surgem por causa da sua ausência. essa ação do Estado foi feita para várias outras creches no mesmo dia. Uma creche que se destacou enquanto ao número de doadores foi a creche 8, que durante a entrevista conseguiu listar cerca de oito a dez doadores atuantes na creche, sendo um deles um norte americano que a conheceu em uma apresentação de trabalho em uma instituição do seu país e até hoje ajuda a creche.

Outra relação que se destacou foram os programas de televisão, a crecheira 10 teve a oportunidade de ser recebida em um deles. Ela pode contar a sua história e foi levada para participar desse programa, com isso ela ganhou trinta mil reais, casou e ganhou cestas básicas que distribui na comunidade. Com esse dinheiro ela comprou o terreno ao lado da creche, que hoje é a casa dela, para que o espaço que antes era a sua casa ficasse só para a creche. A crecheira também mantém contato com uma pediatra que está presente na creche e ela providência consultas e remédios para as crianças.

Com relação à teoria de Zibechi é fundamental registrar que sim, os territórios em resistência e a economia parece funcionar seguindo uma lógica de solidariedade, relações familiares, amizade, valor de uso em vez de valor de troca, trocas/pagamentos de serviços feitos não por dinheiro, mas por outros recursos, descrevendo iniciativas interligadas e interdependentes, resultando, inclusive, relações de competitividade. A diferença com relação a teoria de Zibechi é que as relações estabelecidas nas iniciativas econômicas encontradas nas creches se expandem além de Santa Luzia, baseadas em grandes redes translocais de doadores e colaboradores (de outras classes etc.) que as crecheiras conseguiram estabelecer ao longo do tempo, fazendo com que suas iniciativas econômicas estejam interligadas, também, aos sistemas capitalista, estatal, os que são hegemônicos.

Com isso, e a partir do que foi analisado anteriormente, é possível aferir que as abordagens econômicas das creches em Santa Luzia se constituem nesse

conceito, entre outras coisas, por trazerem a criação de uma iniciativa que propõe lideranças políticas novas, relações e processos econômicos diferentes dos institucionalizados/estruturais e possibilidades em um contexto e realidade que parecia não existir. Mas, também, as creches em Santa Luzia trazem relações que não são apresentadas no conceito de território em resistência por terem como principal agente de manutenção os grupos de doadores que estão fora da comunidade. Ou seja, essas iniciativas não se mantêm só com a articulação e organização da comunidade, ela precisa também dos agentes que estão fora daquele contexto para que continuem existindo.

CONCLUSÃO

O presente trabalho conseguiu compreender a partir das análises oportunizadas pela perspectiva dos principais conceitos utilizados, territórios em resistência e economias alternativas, que as iniciativas das creches na comunidade de Santa Luzia, exercem importante papel para a resistência desse corpo social frente ao cerceamento dos seus direitos e conflitos com o Estado, a partir dos fatores que constroem os conceitos utilizados, que foram analisados, sendo eles: as iniciativas econômicas, a lógica familiar comunitária, as novas sujeitas políticas e os novos ofícios.

A verificação do que foi relatado indica que a influência das creches no território da comunidade é exercida com suporte das economias alternativas. A caracterização e identificação dessas economias alternativas encontradas nas creches, permitiu entender quão variada e complexa são essas relações estabelecidas na comunidade e fora dela com o objetivo de otimizar e possibilitar o acesso à recursos básicos como a água, o alimento, como consequência essa articulação possibilita a construção de um território em resistência. É possível entender também que: a forma como tudo se viabiliza parte de lógicas que visam essa resistência o que gera a alteração do valor das coisas, elas passam a ter valor quando são úteis e auxilia alguém, de alguma forma.

No que concerne a lógica familiar-comunitária se ela está presente e como ela influencia na produção do território, pode ser entendido que ela está presente viabilizando todas as iniciativas econômicas. E, para além de viabilizar recursos para as creches, as crecheiras a partir desse modo de articulação oportuniza também os recursos para a comunidade, o que a torna importante para essa construção da comunidade como um território em resistência.

Por fim, as creches em Santa Luzia trazem uma nova forma de contribuição para o conceito de territórios em resistência, por trazerem em sua formação todos os aspectos que configuram esse conceito, mas também por possibilitarem a sua continuação a partir de colaborações e iniciativas externas, fazendo com que esse novo mundo, que é a comunidade, esteja interligado e tenha relações de interdependências com agentes externos.

As principais contribuições da pesquisa expostas anteriormente podem, de alguma forma, possibilitar novas pesquisas para investigar sobre outras iniciativas que colaboram para a construção do território em resistência de Santa Luzia, como: ONGs, cooperativas, coletivos, entre outros. E, como essas outras iniciativas se organizam para viabilizar seus recursos e/ou se elas estabelecem alguma rede fora da comunidade para isso. Além de ser uma análise possível em outras comunidades como Santa Luzia.

Referências Bibliográficas

ANJOS, R. S. A. Territórios das Comunidades Quilombolas no Brasil: segunda configuração espacial. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2005. 1 mapa temático articulado. Escala aproximada de 1: 6.000.000.

BANIWA, G. D. S. L. O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

BARTHOLL, T. *Territórios de resistência e movimentos sociais de base: uma investigação militante em favelas cariocas*. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense – Niterói.

BERGAMASCHI, M. A.; SOUSA, F. B. Territórios etnoeducacionais: ressitando a educação escolar indígena no Brasil. *Pro-Posições*, v. 26, n. 2 (77). p. 143-161, mai./ago. 2015

Bolsa família. O que é o Bolsa Família. Disponível em: <<http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx#targetText=O%20que%20%C3%A9%20o%20Bolsa,situa%C3%A7%C3%A3o%20de%20vulnerabilidade%20e%20pobreza.>> Acesso em: 7 de out. de 2019

Comboios oficializa zona de amortecimento. Disponível em: <<https://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/4-destaques/7142-comboios-oficializa-zona-de-amortecimento>> Acesso em: 27 de março de 2020.

Estudo Urbano Ambiental SCIA- Estrutural. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Estudo-Urbano-Ambiental-SCIA-Estrutural.pdf>> Acesso em 15 de março de 2020.

FREITAS, A. E. C. (2008). Territórios ameríndios: espaços de vida nativa no Brasil Meridional. In M. A. Bergamaschi (Org.), Povos indígenas e Educação (pp.17-28). Porto Alegre: Mediação

GIBSON, K; GRAHAM, J. *O fim do capitalismo (como nós o conhecíamos)*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

HEALY, S. (2009): Economies, Alternative. Em: Kitchin, R. (Org): International encyclopedia of human geography. Amersterdam: Elsevier, pp. 338-344.

HUSSEINI DE ARAÚJO, S.; Costa, E.B.d. . From Social Hell to Heaven? The Intermingling Processes of Territorial Stigmatization, Agency from Below and Gentrification in the Varjão, Brazil. In: Kirkness, Paul; Tijé-Dra, Andreas. (Org.). Negative Neighbourhood Reputation and Place Attachment: The Production and Contestation of Territorial Stigma. 1ed. New York, London: Routledge, 2017, v. , p. 100-120.

LEI Nº 3.315, DE 27 DE JANEIRO DE 2004. Disponível em: <<http://www.scia.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2016/07/LEI-N%C2%BA-3.315-DE-27-DE-JANEIRO-DE-2004.pdf>> Acesso em: 7 de dez. de 2019

MIRANDA, J. M. Infraestrutura e qualidade de vida: o caso da Chácara Santa Luzia - Cidade Estrutural/DF. 2016. 72 f.il, Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Geografia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

Mesa Brasil. Quem Somos. Disponível em: <<http://www.sesc.com.br/portal/site/mesabrasilsesc/quemsomos/>> Acesso em: 6 de out. 2019.

OSSEWAARDE, M., REIJERS, W., 2017. The illusion of the digital commons: 'False consciousness' in online alternative economies. *Organization* 24 (5), 609–628.
Pavlovskaya, M., 2004. Other transitions: multiple economies of Moscow households in the 1990s. *Ann. Assoc. Am. Geogr.* 94 (2), 329–351.

ZIBECHI, R. (2015): Territórios em resistência. Cartografia política das periferias latino-americanas. Rio de Janeiro: Consequência.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de pesquisa social. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.